

Experiências femininas no  
Campo de Concentração  
Ravensbrück



Copyright © 2023, Larissa Laini Leão Gomes.

Copyright © 2023, Editora Milfontes.

Av. Eldes Scherrer Souza, 2162, Loja 205AB, Colina de Laranjeiras, Serra, ES, 29167-080

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

comercial@editoramilfontes.com.br

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (FDV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmir Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del País Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Miti-diero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDE) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Larissa Laini Leão Gomes

Experiências femininas no  
Campo de Concentração  
**Ravensbrück**



Editora Milfontes  
Serra, 2023

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

#### **Revisão**

Roziméry Baptista Fontana Nascimento

#### **Capa**

Imagem da capa:

*Não citada*

Autor:

*não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Aspectos:

Maria Luiza Fontana Nascimento

#### **Projeto Gráfico e Editoração**

Bruno César Nascimento

#### **Impressão e Acabamento**

Maxi Gráfica e Editora

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633e GOMES, Larissa Laini Leão

Experiências femininas no campo de concentração Ravensbrück/ Larissa Laini

Leão Gomes

Serra: Editora Milfontes, 2023.

168 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-074-9

1. Campo de Concentração 2. Mulheres 3. Memória I. Gomes, Larissa Laini Leão II. Título.

CDD 940.5318

*Para as mulheres de Ravensbrück*



*Im Kampf zwischen dir und der Welt sekundiere der Welt.*

*Franz Kafka*





# Abreviaturas

**CICV**- Comitê Internacional da Cruz Vermelha

**GESTAPO**-Geheime Staatspolizei

**IKL**- Inspektion der Konzentrationslager

**Kripo**- Kriminalpolizei

**KZ**- Konzentrationslager

**SA**- Sturmabteilung

**SD**- Sicherheitsdienst

**SiPO**-Sicherheitspolizei

**SK**-Sonderkommando

**SS**- Schutzstaffel

**SS-TV** - SS-Totenkopfverbände

**T4**- Tiergartenstraße 4

**USHMM**- United States Holocaust Memorial Museum



# Sumário

Prefácio .....	13
Introdução.....	19
<b>I - Os campos de concentração e o Holocausto .....</b>	<b>25</b>
Cenário pré-guerra .....	25
Inimigos do Estado nazista .....	33
As três fases segundo Arendt.....	35
Early Camps.....	37
Classificação dos campos .....	42
<b>II - Ravensbrück.....</b>	<b>53</b>
A chegada .....	60
O cotidiano em Ravensbrück .....	63
Trabalho.....	65
As Guardas.....	68
Blockovas .....	72
A experiência de algumas mulheres no Lager .....	75
Torturas e castigos .....	83
<b>III - Particularidades De Ravensbrück .....</b>	<b>87</b>
Uckermark e os subcampos de Ravensbrück.....	87
As mães e as crianças do campo.....	90
Diferenças entre os campos masculinos e Ravensbrück .....	96
Redes de solidariedade e resistência .....	101
Cartas Secretas.....	109
Experimentos Médicos.....	111
Idiotenstübchen.....	116
Médicos de Ravensbrück.....	117

IV - Libertação.....	121
Reféns para troca.....	121
Negociações Suecas.....	122
Libertação de Ravensbrück.....	126
Fases no campo de acordo com Viktor Frankl.....	128
Dificuldades após a libertação.....	130
Responsabilidade.....	133
Vida pós Holocausto.....	135
V - Últimas palavras.....	139
Bibliografia.....	143
ANEXOS.....	145
Anexo 1: Dicionário.....	145
Anexo 2: Decree of the Reich President for the Protection of the People and State of 28. February 1933.....	149
Anexo 3: Cartas de Jerzy e Zofia Guminski.....	153
Anexo 4: STRAFKATALOG.....	157
Anexo 5: Fotografia De Hilda Kusserow-Testemunha de Jeová que passou por Ravensbrück.....	167

## Prefácio

**H**á uma grande diferença entre saber o que foi a *Shoah* e o *se envolver*, em sentido mais profundo, com o que aconteceu. A imensa maioria dos estudantes e professores de história brasileiros não tem a mais vaga ideia do que aquele genocídio efetivamente significa, ou da sombra infinita que ele lança sobre a consciência coletiva de Israel e da Alemanha.

Aproximar-se dessa segunda camada é algo que o simples exercício de leitura nunca é capaz de garantir. Nossa distância em relação àqueles eventos é muito mais que simplesmente cronológica – ela é cultural e existencial. E como entre nós são poucos os que, em razão de sua origem, têm algum grau de proximidade seja com as vítimas, seja com os algozes, é como se a *Shoah* se deslocasse cada vez mais, à medida em que nos afastamos dela no tempo, para uma espécie de nevoeiro em que realidade e ficção já não se distinguem mais. Em aulas de história se fala de campos de concentração, câmaras de morte e dos extremos da degradação humana sem que, em momento algum, o sentido destas palavras seja ao menos intuído. Mesmo um jovem aprendiz de historiador que se emociona com alguma série “baseada em fatos reais” é capaz de atravessar as narrativas do que aconteceu na Europa dos anos 1940 sem que nenhuma corda vibre mais fortemente em seu peito. Nossa sensibilidade parece estar sujeita a um critério que é, na essência, espacial: a empatia só aflora

ante a dor dos que nos são temporal ou geograficamente mais próximos. Fala-se e escreve-se sobre campos de concentração, mas... quantos entre nós já viu um deles?

É desnecessário dizer que tal descolamento é impossível em um país como a Alemanha. Até fins da década de 1990, escolares alemães às vezes eram instruídos a não falar sua língua quando viajavam para países vizinhos, tamanho o peso que até então se costumava associar a ela. Amigos se repreendiam uns aos outros ante a tentativa de se fazer humor com a figura de Hitler, e qualquer pessoa carregando a bandeira alemã era imediatamente vista com desconfiança. Em meados de 2002, presenciei involuntariamente, em um sebo de Colônia, uma negociação quase cifrada, de tão discreta, entre o proprietário e um cliente interessado em adquirir o *Mein Kampf* “para fins estritamente de pesquisa”. Tudo isso não é resultado apenas do notável e conseqüente esforço de memória empreendido pelo governo, pela sociedade civil, pelos meios de comunicação e pelo sistema de ensino. Não resulta apenas dos grandes e dos pequenos monumentos, como as *Stolpersteine* que surpreendem os transeuntes nas calçadas alemãs. É na própria microfísica do cotidiano deste país que revela, a todo instante, a clareza que têm os alemães de pertencerem à nação que perpetrou a mais terrível atrocidade da história moderna. Essa consciência traz consigo um senso de responsabilidade histórica para o qual tenho dificuldade em encontrar paralelo.

O abismo no padrão de sensibilidade (nem direi de memória) com que o Brasil e a Alemanha se relacionam com a *Shoah*, embora perfeitamente compreensível, é o que torna o livro de Larissa um caso surpreendente. Uma experiência docente relativamente longa mostra que poucos temas despertam tanto a atenção de calouros de história como o Holocausto e o nazismo, mas mostra também quão pequeno é o número daqueles que encaram o desafio de transformar aquele vago interesse de iniciante em um produto de pesquisa histórica! As dificuldades são de toda sorte, e, como se pode imaginar, o aprendizado do alemão não é a menor

delas. Um estudante de filosofia pode se dar ao luxo de, depois de adquirir um domínio razoável da língua, estender o braço rumo à estante e espalhar todo o material de que precisa sobre a mesa de trabalho. Para o historiador, e em especial o historiador que se dedica a investigar o passado de sociedades que não a sua própria, as coisas são um pouco mais complicadas.

Larissa não desanimou diante dessas dificuldades. E mesmo sem ter tido a oportunidade de viajar à Alemanha para realizar sua investigação *in loco* – algo que, infelizmente, nossos programas de pós-graduação só muito raramente são capazes de garantir –, ela foi capaz de, recorrendo a fontes norte-americanas e a importantes estudos monográficos como os de Sarah Helm e Rochelle Saidl, produzir um estudo histórico incomum na paisagem historiográfica brasileira contemporânea. Suas dimensões relativamente modestas e sua distância em relação aos (em geral superestimados) “modelos teóricos” são a meu ver uma opção acertada da autora: quando se trata do sofrimento imposto por humanos a humanos, em suas formas mais extremas, as dificuldades são de outra natureza, e qualquer pretensão “teorizante” mais nos afasta que aproxima do que realmente importa.

A começar pelo objeto em si: Ravensbrück foi um campo destinado apenas a mulheres, tendo sido Olga Benário Prestes uma das mais célebres. Larissa nos mostra, com uma delicadeza de estilo e uma concisão que não poderiam ser mais apropriados ao tema, o que é a experiência feminina em um *Konzentrationslager*. Algumas passagens, especialmente do último capítulo, causaram em mim uma fortíssima impressão. Mas como é possível para um homem brasileiro apreender minimamente o que foi a experiência daquelas mulheres, naquelas condições? Empatia não é algo que se deve pedir apenas ao líder político quando uma pandemia devasta o seu país; é algo de que toda pessoa que se interessa pelo passado não pode prescindir. E por quê? Porque de outra forma se corre o risco de transformar a ciência dos homens no tempo em simples passatempo. Mais ainda: porque

essa abertura para o passado, com tudo o que ele possa ter de extraordinário ou de sórdido, é no fundo uma abertura tanto para o que há de humano quanto de desumano em nós.

A leitura deste estudo sobre Ravensbrück me transportou ao gelado inverno berlinense de 2009/2010, quando alguma coisa me fez comprar o bilhete para uma apresentação da cantora lírica sueca Anne Sofie van Otter. No repertório, canções compostas pelos aprisionados no campo de concentração de Theresienstadt. Uma das mais famosas, da autoria da escritora tcheca Ilse Weber, traz a seguinte letra:

Eu caminho por Theresienstadt,  
o coração pesa como chumbo.  
Até que, súbito, meu caminho termina,  
Logo ali, próximo ao bastião.

Fico sobre a ponte  
e olho para o vale:  
Quereria tanto seguir adiante,  
Quereria tanto ir para casa!

Para casa! – ó linda palavra,  
deixas meu coração pesado.  
Tomaram o meu lar,  
agora não tenho mais nenhum.

Me afasto triste e cansada,  
tão dura é a vida aqui:  
Theresienstadt, Theresienstadt,  
quando terá fim o sofrimento,  
quando seremos livres de novo?



Esta canção é um testemunho eterno, que a sala de concertos, lotada, acompanhou no mais absoluto silêncio. Ao percorrer as páginas do livro de Larissa, em vários momentos fui tomado pelo mesmo dever de reverência. É algo que bem poucos textos históricos são capazes de suscitar. Sua pesquisa, por si só, evidencia por que histórias tão dolorosas – as de ontem e as de hoje – precisam ser contadas.

Hans Blumenberg, autor que amargou um duro exílio interno por ser considerado “meio judeu” pelas leis do Estado nazista, coloca-nos diante de uma verdade incontestável quando afirma que “o ser humano é um animal que, apesar de tudo, vive”. Não há nada o que acrescentar a estas palavras, salvo, talvez, o seguinte: o ser humano também é um animal que, apesar de tudo, se lembra.

*Sérgio da Mata*

*Marbach am Neckar, novembro de 2023*

